

GILBERTO NASCIMENTO

O reino

*A história de Edir Macedo e uma radiografia
da Igreja Universal*



Prólogo

O sócio de Deus

Início dos anos 1990. O bispo Edir Macedo e o pastor Ronaldo Didini ocupavam salas contíguas no prédio da TV Record, na avenida Miruna, próximo ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo. A Igreja Universal do Reino de Deus comprara a emissora havia pouco mais de um ano. O líder da igreja, recém-chegado dos Estados Unidos, passava a dar expediente na empresa das dez da manhã às sete da noite.

Certo dia, ao sair de sua sala, Didini escutou um barulho estranho. Procurou Macedo, não o encontrou. Então ouviu um gemido vindo do banheiro. “Abri a porta e o bispo estava ajoelhado com a cara no chão, orando e chorando. Ele levantou o rosto e olhou para mim. Fechei a porta e saí. Depois ele me chamou, parecia ter chorado muito. Disse que naquela hora estava falando com Deus.” E Macedo contou ao pastor que clamara: “Senhor, eu não sou nada. Sou pior que um verme. Não sei mais o que fazer. Ajude-me. Estou desesperado. Só o Senhor pode resolver”. Então desabafou para Didini: “É humanamente impossível pagar a Record. São problemas de todos os lados. O que vamos fazer? Não sei como resolver”.¹

Havia várias parcelas a serem salgadas, e a emissora — tecnologicamente obsoleta e precisando de investimentos — acumulava uma dívida astronômica. O poderoso bispo vivia um

momento de fragilidade. Ao se prostrar e se humilhar, disse que pretendia demonstrar a Deus a insignificância da criatura diante do criador. Em outros momentos, em cultos e em programas de rádio, Macedo definiu-se como “o estrume do cavalo do bandido”, “um monte de nada, como ser humano”.² Mas era mestre em virar o jogo: numa postagem em seu blog, anos depois, deu a receita para transformar fraqueza em força. Citando a Bíblia, disse que o poder “se aperfeiçoa na fraqueza”, como pregava o apóstolo Paulo.³

O jovem de família católica do município fluminense de Rio das Flores, ex-escriturário da Loteria do Estado do Rio de Janeiro, a Loterj, começou sua igreja em uma funerária e hoje comanda um império religioso, empresarial e midiático. Edir Macedo é um dos raros homens no mundo — e o único no Brasil — a ter sob os seus domínios uma igreja, uma rede de TV, um partido político e um banco.⁴ Os mecanismos que impulsionaram o crescimento vertiginoso de sua organização foram questionados por adversários e pela Justiça. O bispo se considera perseguido, como Jesus: declara ser vítima de ataques e armações da mídia — liderada pela TV Globo — e da Igreja católica. Contudo, soube fazer da perseguição uma aliada e expandiu a denominação por mais de uma centena de países: “Eu agradeço aos meus adversários, aqueles que me odeiam, aqueles que querem o meu mal. Porque, quanto mais me perseguem, mais eu cresço”.⁵

Certa vez, o bispo disse que ter encontrado Deus foi muito melhor do que fazer sexo. “Foi um prazer tão grande que é até indescritível. Muito mais gostoso do que o gozo de um homem com uma mulher.”⁶ Ele crê no que prega: pelo menos é o que afiança o delegado Darci Sassi, que, em 1992, o manteve sob seus cuidados durante onze dias numa cela do distrito policial de Vila Leopoldina, em São Paulo — o religioso fora acusado de estelionato, charlatanismo e curandeirismo.

Nos anos 1990, opositores evangélicos viam em Macedo um homem disposto a tudo, determinado a morrer pelo que crê, e dotado de um sentimento messiânico.⁷ Sua atuação à frente da Universal fazia dele menos um pastor, o que cuida de suas ovelhas cotidianamente, e muito mais um evangelista — aquele que “abre caminhos”.⁸ O bispo defendia a ideia de que seus seguidores, ao ajudarem a igreja a divulgar a mensagem de Jesus Cristo, firmavam um compromisso com o Criador e adquiriam automaticamente o direito de se sentir como “sócios de Deus”.⁹ Em um de seus livros, detalhou: “As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer, ou seja, passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus”.¹⁰

Macedo buscava sacramentar essa “sociedade” no dia a dia, inclusive junto aos familiares. Incentivava-os a se desapegar de seus bens e a entregá-los a Jesus. Amarílio Macedo, seu tio, contou uma história exemplar. Ao morrer, a avó materna deixou como herança o sítio onde a família foi criada, no vilarejo do Abarracamento, em Rio das Flores. O terreno foi dividido em lotes, que foram distribuídos entre todos os filhos. Com o tempo, um deles, Ivanir, irmão de Amarílio, foi adquirindo ou negociando cada lote com os demais. Acabou ficando com toda a área. No início dos anos 2000, Ivanir contraiu um agressivo câncer de intestino. Ao saber da doença, Edir propôs um negócio: prometeu que o tio seria curado se doasse o sítio à Universal, naquele momento uma das principais denominações neopentecostais do país. O doente ouviu a proposta e ficou de pensar. Não pensou rápido o bastante: morreu antes de dar uma resposta ao sobrinho.¹¹

Para Macedo, quando o fiel faz sua doação ou paga o dízimo, Deus contrai uma obrigação com ele e repreende “os espíritos

devoradores que desgraçam a vida do ser humano nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer”.¹² Ao dar provas de sua fidelidade a Deus, o fiel pode exigir uma contrapartida divina e expressar o desejo de prosperidade não como quem pede ou suplica, mas como quem reivindica um direito.¹³

Líder carismático, Macedo alimenta o culto à sua personalidade. Amado e odiado, conquista admiradores e rivais com a mesma facilidade. Ambicioso, para alcançar o que deseja é capaz de atropelar quem estiver pela frente.¹⁴ Criou a máxima “para Jesus, até gol de mão vale”, segundo o pastor dissidente Carlos Magno de Miranda, o primeiro a fazer denúncias públicas contra ele, em 1990.¹⁵

Seu perfil é de empreendedor, não de gestor. Não está à frente da administração rotineira dos negócios ou da igreja, mas acima, acompanhando e fiscalizando. E sobretudo exalando autoridade. Delega poderes e confia a condução de tarefas a assessores,¹⁶ tanto que se um subordinado o procura pedindo orientação, pode ouvir uma reprimenda: se um bispo ou pastor ocupa determinado cargo, ele explica, é para tomar conta da instituição, trazendo soluções e não problemas. “De problemas, eu tô cheio. Então não liga para perguntar nada, você resolve”, dizia aos subalternos.¹⁷

Macedo dá chances a quem vem de baixo e quer crescer. O ex-pastor da Universal Ronaldo Didini afirma ser grato pela ajuda recebida, diz ter aprendido muito com ele. “Foi muito parceiro, durante muito tempo. Me apoiou e segurou minhas broncas na igreja”, disse o pastor, a quem o bispo, em momentos de lazer e descontração, chamava de “malandro”, tratamento que não raro reservava a seu círculo mais íntimo.¹⁸

Se ajuda quem deseja subir, Macedo pode ser implacável com figuras que ameacem seu brilho. São imediatamente catapultadas. Vão para o “exílio”, ou uma espécie de “geladeira eclesiástica”, como definiu o cientista de religião Leonildo Silveira Campos.¹⁹ O bispo costuma dizer que, ao dar a corda para a pessoa, “ela vai usar para se salvar ou se enforcar”.²⁰ Não perdoa quem ousa traí-lo ou desobedecê-lo, ou quem abandona no meio do caminho a missão de “salvar almas”.²¹

O lado autoritário parece penetrar também na esfera privada. Embora sempre ao lado da esposa, Ester, a quem muito elogia — “A gente depende muito um do outro. [...] Sem ela eu viro um legume”,²² confessou —, e mesmo com a relativa liberalidade nos costumes em sua igreja, mantém uma postura patriarcal. A mulher diz ser submissa a ele. Na visão do bispo, o homem deve mandar em casa e a mulher precisa ser boa mãe e dona de casa, além de falar pouco e ser discreta no vestir.²³ No templo, exerce um completo domínio da plateia. Como comunicador, chegou a ser comparado a animadores de auditório, ao estilo de Silvio Santos. “Eu não tenho o sorriso dele, eu não tenho a gargalhada dele, eu não tenho o jeito dele, não. Ele é um excelente comunicador, e eu tenho a minha fé”, rebateu.²⁴ No púlpito, é uma pessoa dócil e tranquila; fora dele, se exaspera, fica nervoso, e tenso quando contrariado.²⁵

O poderoso conglomerado Universal, com suas rádios, TVs e empresas de ramos diversos, foi erguido, apesar do grande poder delegado em atividades rotineiras, sob o estilo autocrático de Macedo. Suas ordens e orientações, transmitidas de qualquer parte do mundo, a qualquer momento, são imediatamente cumpridas, sem qualquer contestação.²⁶ O bispo adota um pensamento cartesiano, binário: busca sempre o sim ou não.²⁷ Maquiavélico, também alimenta intriga entre os subordinados.

A rotina de Macedo começa às oito horas da manhã, já pendurado ao telefone cuspindo ordens. Quando busca resolver um problema, tudo tem de ser decidido na hora, diz a mulher. Não se constrange em acordar bispos, pastores ou assessores às quatro da madrugada para tirar uma dúvida ou cobrar o resultado de alguma tarefa.²⁸ Seu poder imperial, sua obstinação e a fixação por grandes conquistas garantiram o crescimento de seu reino na terra.

A estrutura da Universal é montada em torno do bispo. Funciona como uma pirâmide, de cujo topo Macedo exerce o poder supremo e se impõe como figura mística, o grande e único líder. A centralização da autoridade exige súditos obedientes e leais, e foi assim que o bispo manteve a unidade da instituição, facilitou a rapidez das decisões e a expansão de seu projeto.²⁹ “Eu não fundei igreja. Eu fundei uma escola, eu fundei uma universidade que ensina a vida. Que ensina os caminhos da salvação, os caminhos da eternidade.”³⁰

Se, como diz Didini, a estrutura centralizadora da Universal foi copiada da Igreja católica, ela conseguiu ir além de Roma no âmbito da outorga de poderes à figura máxima: seu líder tem poderes maiores que o papa. Os bispos da Universal podem brigar entre si, mas a instituição não quebra, com Macedo no manejo das rédeas, incontestemente. Embora os católicos tenham como figura máxima o sumo pontífice, há grande fragmentação entre eles, a começar pelas diversas ordens religiosas.³¹ Macedo já atribuiu a diáspora de fiéis da Igreja católica ao fato de o catolicismo possuir “um braço esquerdo e um direito”, referindo-se às suas correntes políticas: “Jesus disse: nenhuma casa dividida poderá permanecer”.³²

No início dos anos 1990, o bispo causava polêmica ao defender que o dinheiro não é vil, ao contrário, deve ser usado a serviço de Deus, constituindo um “veículo de felicidade”.³³ Seria elemento precioso da vida espiritual, a ser sacrificado para a aquisição de bênçãos. Segundo ele, o dinheiro possibilita atingir determinado

ponto na escala de poder, o qual só pode ser superado por meio da política. Quando dinheiro e política se cruzam, atinge-se um patamar superior na estrutura de poder.³⁴

Elegendo representantes para o Legislativo e o Executivo, a igreja obteria maior participação e mobilização dos fiéis, acarretando um crescimento da denominação, com a aquisição de mais veículos de comunicação. Encontros de bispos e pastores enfatizavam o caminho a ser trilhado. Macedo ressaltava que quanto mais emissoras de rádio e TV a igreja tivesse, mais ela seria respeitada.³⁵ Apesar de seu apreço por ser visto como um homem poderoso, contestava críticas e comentários sobre seu suposto interesse no dinheiro. Se tivesse, em vez de pastor teria sido político, “com bom salário e mordomias”.³⁶

Para os fiéis, o sucesso e a riqueza de Edir Macedo, sua vida de luxo e fartura, nunca foram problema: o bispo é um “escolhido”, um eleito, alguém que priva da intimidade com Deus.³⁷ A maioria de seus seguidores se identifica com ele — eles o veem como um homem simples, que veio de baixo, passou por privações e venceu. Agora, humilde e despretensiosamente, prega o Evangelho. Tem, pois, direito à glória e à felicidade.

Ao comprar sua TV, em 1989, o bispo iniciou uma guerra com empresários da área de comunicação. Lamentou ter sido alvo de muitos ataques — incomodava “o diabo e seus parceiros”, dizia. “Nós tínhamos [a] Rede Globo como informação única neste país. Com o evento [advento] da Record, nós tivemos, então, a chance de deixar o povo brasileiro ciente do outro lado dos fatos. A Record veio para assumir o ‘nada a perder’, ou tudo ou nada, o é ou não é. Ou Deus é conosco ou não é”, provocou.³⁸ Reconhecia que sua igreja, ao crescer, ganhara um “telhado de vidro”, porém ressaltava que os inimigos também tinham seus pontos vulneráveis e, por isso, não poderiam apedrejá-lo.

Com a conquista de bancadas próprias — ampliadas a partir dos anos 1990 —, temas de interesse da Universal passavam a ser debatidos e defendidos no Legislativo. O bispo se fortalecia politicamente para se contrapor a seus adversários. Em 2005, a Universal montou seu próprio partido, o PRB. Já no ano seguinte, a legenda garantiria novamente a presença do vice-presidente da República, José Alencar, na chapa do petista Luiz Inácio Lula da Silva. Alencar era católico e frequentador de missas dominicais,³⁹ mas participava de reuniões de oração com o bispo e então senador Marcelo Crivella, eleito com o apoio da Universal. Dez anos depois, Crivella, sobrinho de Macedo, se tornaria prefeito do Rio de Janeiro. Nas eleições de 2018, o PRB — agora Republicanos — continuou avançando: elegeu um vice-governador, Carlos Brandão, no Maranhão; um senador, Mecias de Jesus, em Roraima; trinta deputados federais e 42 estaduais espalhados pelo Brasil.⁴⁰

Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República, em 1989, Edir Macedo e sua igreja vêm se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto. O bispo sempre esteve ao lado do poder, fosse com governos de centro, de esquerda ou de direita. Nos estados e prefeituras, sua igreja em geral repete o mesmo procedimento: apoia os governantes de plantão, salvo raras exceções. A partir do final dos anos 1980, a Universal começou a execrar o PT e a esquerda, comparando Lula a “satanás”, mas depois não titubeou em ficar ao lado dele e de Dilma Rousseff ao longo dos catorze anos de gestão dos dois presidentes petistas. Em 2012, Marcelo Crivella foi nomeado ministro da Pesca, no governo Dilma. Com o impeachment da petista, em 2016, o PRB ingressou no governo do ex-vice Michel Temer e ganhou o Ministério da Indústria e Comércio.

O ativismo de líderes conservadores evangélicos na última década reacendeu o antigo discurso de que a tradicional família brasileira

estava ameaçada pelo “comunismo” e pelo “socialismo”. Nas eleições de 2018, as redes sociais divulgaram amplamente que a esquerda, representada pelo PT, iria perseguir os cristãos, inflar as teses e ações do movimento LGBT e distribuir um “kit gay” nas escolas para incentivar as crianças a mudar de orientação sexual. Os pais, impedidos de educar os filhos, assistiriam indefesos à destruição das famílias brasileiras. Esse discurso, turbinado por notícias falsas em grupos do WhatsApp, fortaleceu essa tese — aterrorizante, desnecessário dizer, para grupos religiosos, sobretudo os evangélicos.⁴¹

Lula, o candidato do PT e principal nome da esquerda, até então favorito nas pesquisas, foi preso em abril e ficou fora do páreo. Como se sabe, substituiu-o o professor de ciências sociais da USP e ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad. A partir desse momento, o capitão da reserva Jair Bolsonaro, candidato do PSL à Presidência, começou a ganhar espaço entre os evangélicos, erguendo bandeiras em defesa dos valores da família e combatendo o casamento gay e aquilo que chama de “ideologia de gênero”. Bolsonaro e Haddad garantiram vaga no segundo turno. Às vésperas da votação final, em outubro, uma pesquisa do Datafolha indicava 70% dos votos válidos dos evangélicos para Bolsonaro e 30% para Haddad.

Identificada com o ideário liberal na economia e hostil a propostas da esquerda sobre questões morais — embora bem mais aberta em relação a esses temas do que outros segmentos do pentecostalismo —, a Universal abraçou tardiamente a candidatura do capitão. Pragmático, no início da campanha Edir Macedo havia decidido apoiar o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, um aliado no PSDB e em cujo governo a igreja mantinha cargos. O bispo apostara na polarização entre petistas, à esquerda, e os tucanos, ao centro, imaginando a repetição do cenário político predominante no país nas últimas duas décadas. Nos templos, pastores, fiéis e obreiros

admitiam, reservadamente, que o candidato da igreja era Alckmin, mas preferiam Bolsonaro. A nove dias do primeiro turno, Macedo percebeu para onde sopravam os ventos e abandonou o barco do aliado tucano.⁴² Assumiu a preferência de seus fiéis e não hesitou em dar seu apoio a Bolsonaro. O candidato do PSL venceu com 11 milhões de votos de vantagem, grande parte vinda dos evangélicos.⁴³

A igreja nunca havia comemorado a vitória de um candidato tão identificado com sua linha de atuação e seus valores. Se embarcara no navio tucano, fora por pragmatismo político. De qualquer forma, se a Universal sempre esteve ao lado do poder, dessa vez sentiu-se em casa. De mera apoiadora, atualmente percebe-se parte integrante do poder político instituído no Brasil. Para deleite de bispos e pastores evangélicos, nunca antes na história deste país — repetindo o célebre bordão de Lula — houve presidente da República tão genuinamente simpatizante com as causas religiosas conservadoras. “É a primeira vez [...] que a gente tem um candidato de direita de verdade, ‘pró-família’, ‘pró-Deus’, ‘pró-valores’, pelos nossos ‘princípios’ e ‘favorável’ à igreja de Jesus”, disse o apóstolo Rinaldo Luiz de Seixas, o Rina, ex-surfista, líder e fundador da Igreja Bola de Neve.⁴⁴

Edir Macedo, já na campanha, abriu as portas da Record para Bolsonaro. E não fechou mais. Se, por um lado, a ajuda da emissora e da bancada do PRB/Universal na Câmara dos Deputados é fundamental para o governo, por outro, o canal de Macedo espera uma redistribuição nas verbas de publicidade, e a Universal, o afrouxamento de regras fiscais. Embora as igrejas já sejam isentas de impostos, os líderes religiosos reivindicam uma flexibilização nas regras tributárias para, por exemplo, permitir remessas e recebimentos de valores para e do exterior.⁴⁵ O bispo vem demonstrando entusiasmo com o novo presidente. No dia 21 de

maio de 2019, em um culto no Rio de Janeiro, orou pelo êxito de sua gestão. “Quando se levanta um político querendo ajudar, os bandidos, ladrões, safados e salafrários se unem para derrubá-lo”, defendeu. “Mas o Senhor conhece aqueles que são justos, que querem ajudar o seu povo. Então, te peço, meu Pai, por esta nação: nós elegemos Bolsonaro, então seja justo com ele”, clamou. Por fim, Macedo pediu a Deus para “remover” aqueles “que querem impedi-lo de fazer um excelente governo”.⁴⁶ O bispo não explicou como seria essa “remoção”.

Macedo e Bolsonaro querem estar agora cada vez mais perto um do outro. Até há pouco, não se conheciam pessoalmente. O bispo havia dado apenas um telefonema ao então candidato a presidente, pouco antes das eleições.⁴⁷ No dia 1º de setembro de 2019, o líder da Universal recebeu Bolsonaro no Templo de Salomão, a sua megaigreja, diante de 10 mil pessoas. Ajoelhado no púlpito e de costas para os fiéis, o presidente foi ungido pelo bispo. No Antigo Testamento, a unção se dava com o óleo de azeite derramado sobre a cabeça de alguém escolhido para uma missão — um rei ou profeta. Com as duas mãos sobre a cabeça de Bolsonaro, Macedo pediu que Deus lhe dê “sabedoria, inteligência e coragem”. Orou pelo aliado político e discursou: “a mídia toda é contra ele [...] porque nós vivenciamos o inferno da mídia, [da] imprensa marrom”. O dono da Record, porém, fez uma ressalva: “Eu estou aqui”, lembrou, mandando o seu recado. Com um jargão utilizado pelos neopentecostais para simbolizar conquistas, garantiu que Bolsonaro “vai arrebentar”.⁴⁸

Naquela semana, o presidente completava oito meses de governo e sua gestão dava sinais de desgaste. Uma pesquisa do Datafolha mostrava um aumento de 33% para 38% em seus índices de reprovação. Uma das soluções encontradas para conter essa queda era estreitar ainda mais as relações com os líderes evangélicos,

como Macedo.⁴⁹ Nas comemorações do Dia da Independência, em 7 de setembro, o bispo apareceu ao lado de Bolsonaro no palanque, no desfile na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Para agradecer aos afagos de Macedo e de líderes de outras denominações, Bolsonaro avisou que, em 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) terá um ministro, a ser nomeado por ele, “terrivelmente evangélico”.⁵⁰ O presidente também colocou à disposição a estrutura jurídica do Executivo para a bancada evangélica no Congresso elaborar propostas ao país por meio de decretos presidenciais. Os parlamentares evangélicos “têm ideias maravilhosas” e elas podem ser materializadas via decreto, afirmou Bolsonaro.⁵¹ Edir Macedo, incensado pelo neoamigo, personifica esse poder evangélico ascendente.

A Igreja Universal é uma instituição fechada mas não intransponível. Fala para seus seguidores, por meio de seus veículos: site e blogs oficiais, a TV, emissoras de rádio do grupo e o portal R7, além dos livros do bispo e de outros líderes. Quando julga haver interesse, posiciona-se para toda a sociedade. Divulga ações sociais que melhoram sua imagem, caso consiga espaço na mídia não pertencente ao grupo. Sua relação com a imprensa se presta mais a emitir comunicados para contestar informações que vêm à luz do que para responder aos jornalistas. São raríssimas as entrevistas de Edir Macedo — quando deseja, ele manda recados e orientações diretamente aos fiéis, por meio dos órgãos de comunicação do grupo. O que ocorre nos bastidores, porém, vaza por fiéis e colaboradores.

Seu trato com a imprensa é conturbado desde a compra da TV Record. Em 1990, outro fato tornaria essa convivência mais turbulenta: na cobertura de um culto gigantesco no estádio do

Maracanã, jornais e TVs mostraram obreiros carregando sacos supostamente com dinheiro arrecadado de fiéis.⁵² A tal “guerra santa” na mídia começou aí.

Mesmo em meio a esse clima, consegui, em dezembro de 1994, entrar em templos da Universal e mostrar, em reportagem para a revista *IstoÉ*, o funcionamento da instituição no dia a dia. Como uma multinacional da fé, naquele momento a igreja se instalava em 32 países. Pude acompanhar cultos e atividades como a entrega de alimentos a moradores de rua, em madrugadas frias no centro de São Paulo.⁵³ Se na época era incomum a autorização para coberturas jornalísticas semelhantes, hoje ela não existe.

Exatamente um ano depois, tive acesso a um vídeo bombástico no qual o bispo Edir Macedo contava dólares no chão de uma igreja em Nova York. Em outra cena, ensinava a pastores técnicas para arrecadar mais dinheiro nos templos. A reportagem foi publicada na *IstoÉ* e, em seguida, as imagens foram exibidas na TV Globo. A repercussão foi imensa.⁵⁴ O Brasil discutiu a volúpia arrecadadora do bispo ao longo de semanas. Antes, ao narrar o polêmico episódio do chute na imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo então bispo da Universal Sérgio Von Helde, em 12 de outubro de 1995, eu já havia divulgado que um ex-integrante da Universal, o pastor Carlos Magno de Miranda, fizera graves denúncias contra a igreja — inclusive sobre um suposto envolvimento com um traficante colombiano —, mas, convocado para dar explicações à Polícia Federal, Magno desaparecera.⁵⁵ Dois meses depois, localizado na região metropolitana do Recife, ele alegou ter recebido ameaças e disse ter sido orientado por seu advogado para não falar à PF, mas apenas à Justiça.⁵⁶ Em seguida me mostrou o vídeo.

Ao abordar o tema na imprensa, mantive contato com ex-integrantes da igreja e ex-funcionários do grupo, detentores de importantes informações sobre os métodos de atuação da Universal.

A partir daí surgiram denúncias de supostas operações financeiras irregulares detectadas pela Receita Federal envolvendo empresas, bispos e pastores da igreja, além de envio de dinheiro para empresas em paraísos fiscais.⁵⁷

Nos anos 1980, quando iniciava na profissão, trabalhei no jornal *O São Paulo*, órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo, e na revista *Tempo e Presença*, fundada por líderes protestantes.⁵⁸ Assim, acompanhei a trajetória e o crescimento vertiginoso da Igreja Universal nas últimas décadas. A instituição tornou-se uma potência, com mais de 10 mil templos espalhados pelo Brasil e no exterior, segundo seus números.⁵⁹ Conta com 1,8 milhão de seguidores oficialmente⁶⁰ — ou 9 milhões, autoatribuídos em sua própria contabilidade.

A história de Macedo e da igreja, com suas peculiaridades — a polêmica provocada pelo ímpeto na cobrança do dízimo, as acusações de estelionato e curandeirismo, os conflitos com as religiões afro-brasileiras —, a força e pujança da instituição, que conseguiu se estabelecer em mais de cem países, merecem uma análise atenta. A Universal não é a maior igreja evangélica do Brasil — está atrás da Assembleia de Deus, da Batista e da Congregação Cristã no Brasil,⁶¹ denominações bem mais antigas. Mas é o grupo neopentecostal de maior expressão no país.

Para detalhar a história do bispo e da igreja, setenta pessoas foram entrevistadas ao longo de quatro anos de trabalho. Foram ouvidos ex-bispos, ex-pastores, ex-funcionários de empresas ligadas ao grupo, empresários, representantes do Ministério Público, estudiosos de religião e profissionais de comunicação. Vários pediram anonimato. Quem continua na ativa não fala, o que evidentemente dificultou a apuração.

A história é contada com base em documentos e processos disponíveis no Judiciário; em denúncias do Ministério Público; relatos

de pessoas que viveram dentro da instituição e ao lado de Edir Macedo; pesquisas e livros acadêmicos; reportagens do próprio autor em revistas e jornais, além de trabalhos de dezenas de colegas jornalistas, veiculados desde o final dos anos 1980. A intenção desta obra é revelar o que pensa e propõe a Igreja Universal do Reino de Deus, mostrar como a instituição cresceu e se tornou tão poderosa, por que seu discurso atrai milhares de fiéis, e também registrar a influência, o poder e o futuro de seu líder máximo, o bispo Edir Macedo. A intenção é transmitir algum conhecimento sobre a atuação desse ousado agrupamento religioso de que tanto se fala mas do qual pouco se conhece verdadeiramente, e que em seus 42 anos de existência incomodou e avançou sobre redutos da Igreja católica e também sobre espaços antes ocupados por tradicionais denominações evangélicas. Tudo graças à força da fé e ao dízimo de seus fiéis.⁶²

1. Rio das Flores: A cidade esquecida

Os moradores mais velhos de Rio das Flores se lembram ainda hoje da chuva que tingiu de branco os telhados das casas. Naquela tarde de domingo, 18 de fevereiro de 1945, um ruído brusco e repentino tirou da letargia os pouco mais de 2 mil habitantes da pequena cidade do Vale do Café fluminense.¹ Até aquele momento, sons semelhantes só dos trovões que estremeciam as serras e morros do Abarracamento e Taboas, vilarejos situados entre os dois extremos da localidade.

A Segunda Guerra Mundial chegava a seu ápice na Europa, e os mais de 25 mil homens enviados pela Força Expedicionária Brasileira mexiam com o imaginário dos brasileiros.² No Carnaval daquele ano, festejado na semana anterior, a marchinha “Haja Carnaval ou não”, na voz de Francisco Alves, falava em deixar os “ares tristonhos” para buscar distração, cantar e dançar.³ Não seria descabido supor que os rio-florenses associassem a um bombardeio o estrondo que assustou a comunidade.

Localizada ao lado da pequena estação ferroviária da cidade, num prédio histórico construído em 1883, a Cooperativa Agrícola de Rio das Flores recebia a produção de leite de toda a região. Com a decadência do café, o leite, ao lado da carne e da cana-de-açúcar, se tornara um dos principais ativos econômicos da cidade. O produto era levado à cooperativa e seguia de trem para Juiz de Fora ou o Rio

de Janeiro. Antes da viagem, o leite era fervido em uma grande caldeira. E foi ela que foi pelos ares naquela tarde morna, nunca se soube por quê. O impacto da explosão foi tão grande que a caldeira rasgou o teto e caiu próxima à linha do trem, no centro do vilarejo. Resultante da combustão, uma chuva branca se espalhou pela área ao redor. O barulho e a confusão precipitaram o nascimento daquele que no futuro se tornaria o mais ilustre dos residentes do vilarejo: Edir Macedo.

Por pouco o bebê Edir não teve o mesmo destino de outras 26 gestações das 33 que teve dona Geninha. Nascida e criada no vilarejo do Abarracamento,⁴ ao longo da vida Eugênia Macedo Bezerra sofreu dezesseis abortos espontâneos e ainda perdeu mais dez filhos prematuramente. Sete sobreviveram: Eris, Elcy, Eraldo, Edir, Celso, Edna e Magdalena. A família não tinha acesso a equipamentos de saúde, assim como a população de Rio das Flores — no ano em que Edir Macedo nasceu, não havia posto de saúde no vilarejo; o mais próximo estava na vizinha Valença, maior cidade da região. Uma das razões da sobrevivência do bebê foram as habilidades obstétricas da avó materna, Clementina Lório da Silva Macedo, parteira famosa no Vale, ela também campeã de fertilidade: deu à luz 28 filhos, dezessete homens e onze mulheres.⁵ O marido, Eugênio Jacinto de Macedo, ainda tinha três filhos de outros relacionamentos.⁶

Já aos dois anos o pequeno Edir assombrava a família. A irmã mais velha estremecia ao ver o irmão brincar com uma figura imaginária, supostamente uma menina. O garotinho falava, ria e se divertia — entretinha-se com um anjo, supunham os familiares. Anos depois Eris mudaria de opinião: o demônio é que estaria ao lado dele.⁷ Outro episódio que a apavorou foi quando, sozinha com o bebê, ela viu uma serpente cobra-cipó se esgueirando entre as

cobertas do berço. Familiares e vizinhos acorreram com foices e enxadas e mataram o réptil.

Edir era um garoto tímido, brincava pouco.⁸ Uma característica fazia dele alvo de chacota das outras crianças. Didi, como era chamado, nasceu com uma atrofia nos dedos: indicadores finos como lápis e polegares anormalmente maiores,⁹ com mobilidade reduzida. Herança da avó paterna, que tinha três dedos em cada mão.

Hoje o primo Moacyr Marins Macedo faz troça do defeito de nascença do parente mais famoso: “Aquele dedo fino é bom para contar dinheiro”.¹⁰ Dono de uma loja de construção em Rio das Flores, Moacyr é filho de Irani Macedo, irmão de dona Geninha. Anos depois o próprio Edir Macedo admitiu que a má-formação dificultou sua interação com os outros meninos. Atividades triviais como empinar pipas e soltar balões eram um tormento. “Às vezes, me sentia um estorvo”, disse ao lembrar a infância.¹¹ “As minhas mãos são defeituosas. Aliás, o corpo todo é defeituoso. Eu fui mal fabricado, mas não foi por causa de Deus. Sofri internamente por conta da rejeição na escola. A gente sempre fica inferior aos perfeitos fisicamente. [...] Eu era uma pessoa carente, uma pessoa complexada”, desabafou numa entrevista para a televisão.¹²

Sua dor é apresentada no começo de *Nada a perder*, cinebiografia da vida do bispo lançada em 2018. Estamos em 1953 e o garoto, então com oito anos, vê outros moleques jogando bola ao lado da ferrovia que cortava Rio das Flores (uma licença poética, pois a família Macedo não morava mais na cidade naquele ano). A bola corre para perto dele, que pede para jogar. Os garotos, entre perversos e travessos, impõem uma condição: “Você até pode jogar com a gente se subir naquela árvore”. Sentindo-se desafiado, e disposto a provar que deficiência alguma seria capaz de detê-lo, Didi parte como um touro enfurecido, ao som do coro dos meninos que

gritam “Dedinho, Dedinho”, e inicia uma escalada rumo a seu Everest particular. Veio o inevitável, o menino despencou. Em casa, ao contar à mãe o ocorrido, o pequeno Edir, pela primeira de muitas vezes, questiona os desígnios divinos. “Por que Deus me fez desse jeito?”. Dona Geninha olha para o filho e o tranquiliza com uma frase que, ao menos na ficção, parecia traçar um futuro épico para ele. “Você vai fazer coisas muito maiores que subir em árvores. Vai subir montanhas”, vaticinou.

O frágil Edir vivia cercado de cuidados, em especial da irmã Elcy.¹³ Os Macedo eram bastante conhecidos, graças sobretudo à avó parteira. Nem rica nem poderosa, a família materna tinha raízes na região;¹⁴ já o pai era um forasteiro. O alagoano Henrique Francisco Bezerra trocara a pobreza de Penedo, cidade às margens do rio São Francisco, na fronteira de Sergipe e Alagoas, pelo sonho de uma vida melhor no Rio de Janeiro. À época, a então capital do país era um destino quase óbvio de quem fugia da seca e da miséria em busca de trabalho, abundante embora mal pago.

Aos 32 anos, depois de rápida passagem pelo Rio, Bezerra chegou a Rio das Flores para trabalhar numa fazenda.¹⁵ Logo se apaixonaria por Eugênia, com metade de sua idade.¹⁶ O pai dela, Eugênio Jacinto de Macedo, não aprovou o namoro, a diferença de idade lhe parecia um tanto acentuada. Com o tempo cedeu e o casamento acabou acontecendo.¹⁷ O casal então se mudou da fazenda para a cidade — pouco antes do nascimento de Edir —,¹⁸ e Henrique passou a cuidar da área comercial da Cooperativa Agropecuária. Foram morar numa casa pequena e apertada, ao lado do trabalho dele. Austero e metódico, Bezerra tinha afinidade com os números, ainda que pouca escolaridade.¹⁹ Foi atraído a Rio das Flores por uma proposta de trabalho de um membro da família de Carlos Lacerda, futuro governador da Guanabara, principal adversário do presidente Getúlio Vargas (no mandato de 1951-4) e,

mais tarde, um dos articuladores do golpe de 1964. Antes mesmo da ascensão de Lacerda, a família já exercia grande influência na República, sobretudo no Vale do Café fluminense. O pai, Maurício, fora deputado federal e prefeito de Vassouras, cidade histórica a 46 quilômetros de Rio das Flores. Antes, o avô paterno de Carlos, Sebastião Lacerda, havia sido deputado federal, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas do governo Prudente de Moraes e ministro do Supremo Tribunal Federal (a partir de 1912).²⁰

A família de Carlos Lacerda era proprietária de áreas rurais na região, entre as quais a Forquilha, em Rio das Flores, onde Henrique Bezerra iria trabalhar. Comandada por Silvina Gonçalves de Lacerda, filha do ministro do STF, e seu marido, Júlio dos Santos Paiva, a fazenda, concedida através do sistema de sesmarias, surgiu em 1805, tendo sido um símbolo da prosperidade da cultura do café na região na época do Império. A família manteve a propriedade do início do século XIX até os anos 1940.²¹

Mais tarde, os Lacerda venderam a fazenda Forquilha para um empresário de origem italiana, Vicente Meggiolaro, de quem Bezerra se tornaria muito próximo. Meggiolaro passaria a ser central na história da família Macedo Bezerra, sobretudo nos primeiros vinte anos de vida de Edir Macedo. Muito rico, ele acumulara posses depois de ter trabalhado como administrador de bens de uma viúva no Rio de Janeiro.²² Também ligado à política, fora secretário de finanças da Ação Integralista Brasileira, movimento de ultradireita de inspiração fascista.

Meggiolaro levou o pai de Edir para trabalhar na Cooperativa Agrícola de Rio das Flores, da qual foi presidente. Era também dono do imóvel onde Bezerra montou um armazém de secos e molhados, no centro da cidade, depois do acidente que destruiu a sede da cooperativa e precipitou o nascimento de seu quarto filho. Os fregueses compravam a mercadoria e o comerciante anotava num

caderninho, prática muito comum à época. Levavam o produto na hora e pagavam depois, em geral no final do mês. Só que quando os preços da lavoura e do leite baixavam, a maioria da clientela acabava aplicando calote no comerciante. Sem capital para acertar as contas com os fornecedores, Bezerra faliu. Meggiolaro o convidou para trabalhar novamente na Forquilha — seu conhecimento contábil seria útil para acertar as contas da propriedade, que não exibia a mesma exuberância da época áurea do café. Além de salário, Bezerra pôde economizar dinheiro com moradia, já que toda a família se mudou para uma casa dentro da propriedade.

Edir viveria ali até os seis anos. Imensa, a fazenda era rodeada de montanhas, morros e rios. As brincadeiras selaram a proximidade entre ele e o caçula dos meninos, o extrovertido Celso.²³ Outro que sempre estava por perto era o primo Moacyr, o futuro comerciante de Rio das Flores — o trio jogava bola, se atirava de barrancos e pulava riachos, para aflição de dona Geninha.²⁴

Logo cedo Edir desenvolveu uma característica peculiar, observada pelo tio Amarílio Macedo, irmão de dona Geninha, conhecido como Missô (corruptela de meu senhor): “Sempre que ia comer alguma coisa, se escondia. Não gostava de dividir nada com ninguém. Era muito desconfiado. E esperto também”,²⁵ disse, lúcido aos 94 anos. O sobrinho, acostumado a observar a lida do pai no armazém, tinha com o dinheiro a mesma relação que tinha com a comida. Tirava escondido do bolso, para ninguém ver, pequenas quantias que ganhava dos familiares.

Outra marca da infância influenciaria a personalidade de Edir: o comportamento do pai. Henrique Bezerra era um sertanejo bruto, rude e violento.²⁶ Submetia os filhos a ditados e castigava quem errava.²⁷ Eris, a irmã mais velha, levou palmadas ainda no colo. “Ela apanhou aos seis meses de idade. O Henrique era mau mesmo. Os filhos entravam no porrete”, contou Amarílio. O sogro, Eugênio,

contrariado com o tratamento dispensado aos netos, afastou-se do genro. Geninha bem que tentava interceder a favor das crianças, mas temia ser vítima da agressividade do companheiro.²⁸ Os filhos, porém, não herdaram o comportamento irascível do pai.²⁹ “Papai era alagoano. Era um homem de guerra. Ele nasceu na guerra, viveu na guerra e morreu na guerra. Então, ele passou isso para a gente. Nós herdamos aquela cultura dura que o papai vivenciou na sua vida”, justificou Edir Macedo. A atitude do pai parece ter moldado sua visão de mundo: “Ou você mata, ou você morre. Não tem violino”.³⁰

Era da mãe que os filhos recebiam carinho. Para dona Geninha, eles não tinham defeitos: “Os dos outros, se não tiverem, eu ponho”, dizia.³¹ Não tendo acabado o quarto ano do ensino primário, o que hoje seria o quarto do fundamental, ela cuidava das crianças e ajudava no orçamento doméstico preparando salgados que os meninos vendiam na cidade. Apesar da rispidez de Bezerra e das dificuldades de sobrevivência, Macedo se orgulha de ter recebido o melhor que os pais puderam dar. “Nunca passamos necessidade, mas nós tivemos que trabalhar e lutar desde pequenos.”³²

Henrique e Geninha eram católicos. Ele chegou a participar da maçonaria,³³ irmandade de grande influência no Brasil desde o fim do século XVIII. O casal era visto com frequência em missas, batizados e festas da igreja, sempre com os filhos a tiracolo. Como a esmagadora maioria das cidades brasileiras na metade do século passado, Rio das Flores batizava seus rebentos no catolicismo. Em sua igreja matriz, de Santa Teresa D’Ávila, um dos brasileiros mais famosos do mundo recebeu o sacramento. Com três anos e oito meses de vida, Alberto Santos Dumont foi batizado ali, no dia 20 de fevereiro de 1877. Seus pais viviam numa fazenda de café às margens do rio Paraíba do Sul, a cerca de doze quilômetros do vilarejo.³⁴

O batismo de Santos Dumont é motivo de orgulho dos conterrâneos até hoje. Quem chega ao município pela rodovia RJ-145 se depara logo na entrada com uma placa: “RIO DAS FLORES. CIDADE ONDE FOI BATIZADO SANTOS DUMONT”. O criador do *14-Bis* é também homenageado com duas estátuas no centro da cidade.

No ano do batismo do inventor, a totalidade dos moradores da velha vila de Santa Tereza — nome pelo qual se conhecia Rio das Flores até 1943 — era de católicos praticantes. Segundo o IBGE, no ano do nascimento de Edir Macedo, 94% da população brasileira (cerca de 45 milhões de pessoas) se declarava católica. Na época, o órgão não compilava dados específicos sobre religião por estados e municípios.³⁵

Da carola e provinciana cidadezinha onde viveu até os seis anos, Macedo diz conservar o jeito interiorano: tem o hábito de tirar um cochilo depois do almoço, seu prato preferido é arroz com feijão, couve, carne-seca e angu.³⁶

A família saiu de lá no início da década de 1950, rumo a Petrópolis.³⁷ O pai iria trabalhar em outras propriedades de Vicente Meggiolaro, cuidar de loteamentos na cidade. A estada foi curta, durou o tempo da instalação do projeto e a venda das unidades. Foi a primeira de muitas escalas. A família ainda passaria por outra fazenda de Meggiolaro, no município de Simão Pereira, na fronteira de Minas Gerais e Rio de Janeiro, próxima a Rio das Flores, até se fixar no Rio de Janeiro.

Edir tinha onze anos quando o pai montou um armazém em São Cristóvão, na região central do Rio. A família morava nos fundos, todos ajudavam. Após concluir o curso primário, o pequeno Didi abandonou temporariamente a escola para trabalhar ao lado do pai. No ano seguinte, conseguiu retomar os estudos, mas continuou batendo ponto no armazém, o que o obrigava a acordar bem mais cedo do que de costume.

Didi e Celso também saíam pelo bairro vendendo pastéis e bolinhos de bacalhau feitos por dona Geninha,³⁸ e ainda encontravam tempo para brincar na rua. Foi nessa época que, ao lado de amigos, roubaram picolés de uma sorveteria. O pai soube e os obrigou a pagar o que deviam e pedir desculpas ao proprietário.³⁹ “Só não apanhei porque eu tinha muito medo dele e ele sabia disso. Fiquei apavorado, acho que ele ficou com pena de [me] bater”, relembrou Macedo.⁴⁰

Em outros momentos, não era o medo do garoto que evitava a fúria paterna, mas o providencial auxílio do irmão imediatamente mais novo, que assumia sozinho a culpa pelas travessuras. Acostumado com as broncas e sovas, Celso poupava o franzino Edir. Certa vez chegaram a ser levados a uma delegacia, eles dois e outros amigos, por bagunça dentro do bonde no trajeto entre os bairros de Usina e Engenho Novo. Tocaram a campainha diversas vezes, o que irritou o motorneiro. O episódio causou alvoroço na vizinhança.⁴¹

Edir concluiu o antigo ginásio aos dezesseis anos. O armazém já estava fechado, o pai agora trabalhava em Benfica como gerente da unidade de uma cooperativa de leite da região metropolitana do Rio.⁴²

Torcedor do Botafogo, o jovem jogava bola com Celso, ouvia música na vitrola com a mãe e dançava com a irmã Elcy. Era fã de bolero, então em voga na virada dos anos 1950 e 1960, no fim da chamada Era do Rádio.⁴³ E foi a paixão pelo bolero que o aproximou da boemia da Zona Norte carioca — perdeu a virgindade com uma prostituta do Mangue, área que concentrava bordéis desde meados do século XIX.⁴⁴

Para garantir o futuro dos filhos, dona Geninha foi em busca de emprego para Edir e Celso. Em 1963, recorreu a um antigo conhecido da família, o então governador da Guanabara Carlos Lacerda. Acompanhada dos dois filhos adolescentes, dona Geninha deu plantão na porta do palácio do governo. Ao passar com o carro oficial, Lacerda os viu e mandou o motorista parar. Ela pediu ajuda e o governador atendeu: arrumou para Celso um emprego no Departamento de Trânsito do Rio, e para Edir, na Loteria Estadual (Loterj).⁴⁵ Lacerda era padrinho de casamento de uma irmã de Edir, Eris.⁴⁶

Edir era um rapaz metódico. Os irmãos o viam como um sujeito extremamente meticuloso, a ponto de jogar uma bolinha de papel debaixo da cama para conferir se a empregada a varreria no dia seguinte.⁴⁷ Àquela altura eles já podiam se dar a certos luxos, como ter alguém auxiliando dona Geninha nos trabalhos de casa. Com o emprego fixo de Bezerra e dos filhos, e a família um pouco menor, pois Eris havia se casado, o padrão de vida dos Macedo Bezerra subiu.⁴⁸

Segundo ele mesmo admite, quando jovem Edir tinha um “gênio ruim”, não conseguia perdoar aqueles que o haviam prejudicado, ou melhor, que ele julgava que o haviam prejudicado. Certa vez chegou a ficar dois anos sem falar com Eris. Tempos depois ele nem lembrava a razão desse afastamento.⁴⁹ Mas se era para fazer amizades, ele conseguia domar seu temperamento irritadiço e também procurava se integrar ao estilo dos colegas. O dinheiro contado e a rigidez do pai eram empecilhos — os meninos não podiam ter cabelo comprido ou usar calça boca de sino, então na última moda. Edir costumava passar o fim de semana na casa de Eris, na Gávea, na Zona Sul, cujas praias e cinemas começou a frequentar. Lá conheceu Talita, moradora da praça Santos Dumont, em frente ao Jockey Club. Os encontros eram no banco da praça.⁵⁰

Embora não tivesse pinta de galã, Edir tinha sucesso com as mulheres. Superada a timidez da infância, tornou-se um namorado inveterado. Revelou ter mantido relacionamentos apimentados. “Nunca bebi, nunca fumei. Mas com mulher é diferente. Não dá para resistir”, admitiu.⁵¹

O namoro durou dois anos. Talita decidiu romper — queria “aproveitar os prazeres do mundo, ser livre para curtir seus sonhos”, segundo Macedo, que pediu a Deus para que a jovem voltasse, em vão. A decepção amorosa o abalou.⁵² Decidiu buscar o consolo na fé.

2. O despertar da fé

Um programa radiofônico fomentou o interesse de Edir pelo credo evangélico. Foi Elcy quem lhe falou do pastor canadense Robert McAlister,¹ cuja *Voz da Nova Vida* ia ao ar toda manhã, de segunda a sábado, pela antiga Rádio Copacabana. Era 1963 e a família morava em São Cristóvão. Diagnosticada com um quadro de bronquite asmática, Elcy sofria com crises respiratórias constantes. Orou com o pastor pelo rádio e sentiu-se curada. McAlister convocava os ouvintes para seus cultos na Igreja de Nova Vida e ela passou a frequentá-los. Mais tarde, se tornaria obreira, auxiliar de pastor.² Aos dezoito anos, o irmão seguiu seus passos e se tornou fiel da igreja.³

McAlister começara a vida de missionário no início dos anos 1950, como pregador independente no movimento Cruzada de Nova Vida. Passou pelas Filipinas, Taiwan, França e Estados Unidos. Em 1955, fundou em Hong Kong os dois primeiros templos da Igreja de Nova Vida, existentes até hoje mas sem vínculos com a brasileira. Naquele mesmo ano, visitou o Brasil pela primeira vez, em lua de mel. Três anos depois, participaria de uma campanha de evangelização no ginásio do Maracanãzinho, no Rio.

Ao lado de pastores norte-americanos, McAlister integrou a Cruzada Nacional de Evangelização no Brasil. Os eventos do grupo, realizados em tendas de lona, exaltavam a cura divina. Em 1959, ele

disse ter ouvido um chamado de Deus para permanecer no país.⁴ Logo passou a comandar seu programa na Rádio Copacabana, transferido para a Mayrink Veiga, em 1964. Daí nasceu a Igreja de Nova Vida no Brasil.

O pastor não falava português. Estudou o idioma durante três meses, oito horas por dia. Seus programas — um entre os muitos que as igrejas evangélicas levavam ao ar —,⁵ com quinze minutos diários, eram gravados na casa dele, num estúdio improvisado. As mensagens eram redigidas e depois lidas — inclusive as orações. Inicialmente realizados em praças públicas, os cultos se mudaram para uma sala na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio. Foi lá que Edir viu o canadense pela primeira vez. Somente em 1965 o pastor montaria um templo próprio, em Bonsucesso, na Zona Norte.⁶

Ao se converter à Nova Vida, Edir — a exemplo de muitos de seus atuais seguidores — dizia estar no “fundo do poço”.⁷ Em parte por causa do término do namoro, ainda sentia certo complexo de inferioridade, via-se fadado ao fracasso em tudo o que viesse a fazer.⁸ Comum entre recém-convertidos que explicam onde estavam até encontrar Deus, “no fundo do poço” é uma imagem à qual recorrem habitualmente ex-drogados, ex-alcoólatras ou pessoas atoladas em dívidas que viram evangélicas⁹ e abandonam antigos comportamentos. Mas a conversão demorou a mudar para valer os hábitos do rapaz, que levava uma vida normal. Ia a bailes, tinha namoradas¹⁰ e colegas na Loterj dispostos a aproveitar o início daqueles efervescentes anos 1960 no Rio de Janeiro.

Em meio a esse clima inquieto e turbulento, Edir sentia-se deprimido e angustiado.¹¹ Para superar seus conflitos, procurou ajuda junto à Igreja católica. Numa Sexta-Feira Santa, foi até a paróquia de São Januário e Santo Agostinho, em São Cristóvão, perto do estádio do Vasco da Gama.¹² “Só encontrei um Cristo

morto”, lamentou. Aquilo não lhe bastava.¹³ O Cristo morto lhe despertava compaixão, ele não poderia ajudá-lo, concluiu. Tentou o espiritismo e frequentou o centro Santo Antônio de Pádua, também em São Cristóvão. Consultava-se com um cirurgião espiritual chamado Santos Neto, que teria eliminado algumas verrugas de seu corpo. Elas voltaram maiores e mais numerosas, disse Macedo.¹⁴ “As ideias que aí encontrei também não se coadunavam com as minhas”, alegou.¹⁵ Nos anos seguintes, a religião espírita e sobretudo as de matriz afro-brasileira estariam na mira do futuro bispo.

Diferentemente das opções religiosas oferecidas, a Igreja de Nova Vida empolgou o rapaz. “As pessoas cantavam e, de repente, desceu uma coisa sobre nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual, abstrato e concreto”, declarou. “Pude me ver como realmente era, e eu me via como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos. Então a mesma presença me apontou Jesus.”¹⁶

O atormentado Edir via uma luz, tanto na vida religiosa como na profissional. Sua familiaridade com a matemática, intensificada com a lida no armazém, lhe abriria portas para desatar seus nós. Primeiro lhe possibilitou uma renda complementar, pois ele passou a dar aulas particulares, ainda durante o colegial (hoje ensino médio).

A matemática também favoreceu o encontro com Ester, fiel da Igreja de Nova Vida,¹⁷ no outono de 1971.¹⁸ Parentes da jovem, cientes do talento de Edir com os números, lhe pediram para ajudar a moça, que prestaria um concurso público para o Banco do Estado da Guanabara (antecessor do Banerj — Banco do Estado do Rio de Janeiro).¹⁹ As aulas não chegaram a acontecer, mas o namoro logo começou.

*image
not
available*

Desse grupo também faziam parte o então diácono Roberto Augusto Lopes, os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, além de Romildo Ribeiro Soares, o R. R., futuro missionário da Igreja Internacional da Graça de Deus e cunhado de Edir Macedo, pois viria a se casar com sua irmã Magdalena. Nascido em Muniz Freire, cidade de 19 mil habitantes³¹ na região do Caparaó, no interior do Espírito Santo, R. R. Soares — dois anos mais novo do que o cunhado — vivia no Rio desde 1964. Era muito amigo de Edir, que incentivou o casamento com Magdalena.³²

O canadense McAlister era adepto de um pentecostalismo de classe média, “elitista” aos olhos de Edir,³³ que gostaria de torná-lo mais popular.³⁴ Para ele, as estratégias de pregação de McAlister eram pouco efetivas, considerava sua igreja fria, sem garra, sem vontade de crescer, “quase uma Igreja católica”.³⁵ Ao lado dos jovens colegas de grupo, defendia um discurso mais contundente e o combate aos cultos afro-brasileiros. Propunha visitar terreiros de umbanda e de candomblé para tentar a conversão dos frequentadores. Nessa ocasião, McAlister estava em um período sabático de dois anos e meio no exterior e quem estava à frente da Igreja de Nova Vida era o pastor Tito Oscar. O dirigente explicou ao grupo que esse tipo de pregação não se coadunava com estratégia de ação da igreja. Não iria embarcar na proposta, considerava agressiva demais.³⁶

Os jovens acabaram por deixar a igreja. Como nenhum deles ocupava cargo importante na hierarquia, a saída deles não chegou a ser vista como uma dissidência. Roberto Lopes era diácono — um grau abaixo do pastor —, e os outros, meros fiéis. Quando anunciaram o desejo de criar um novo movimento religioso, os líderes da Nova Vida chegaram a oferecer auxílio para o êxito na nova “missão”.³⁷ Ao partir, Edir deixou um recado: “Vocês ainda vão ouvir falar de mim”.³⁸

Um acontecimento capital em sua vida influiu na decisão de deixar a igreja e marcou o início de sua carreira como pregador. No dia 18 de janeiro de 1975,³⁹ sua segunda filha, Viviane, acabara de nascer com uma má-formação congênita, o lábio leporino, uma fenda no lábio superior entre a boca e o nariz que impede que as duas partes do rosto se unam adequadamente. O problema causa distúrbios respiratórios, de fala e audição, má nutrição, infecções crônicas e alterações na dentição, além de impactos emocionais, de sociabilidade e autoestima.⁴⁰ Viviane não conseguia se alimentar. A amamentação era complicada, dada a dificuldade de sucção. Frequentemente ela ficava doente, com resfriados fortes e infecções urinárias. Com nove meses foi submetida à primeira cirurgia.⁴¹ Até a pré-adolescência, foram doze. Nos pós-operatórios, a menina passou a vomitar sangue.⁴²

A deficiência da filha fez o pai se lembrar das zombarias dos amigos ao longo de sua infância e adolescência. “O que eu sofri [...], imagina uma menina, uma menina que é muito mais vaidosa, ter uma marca bem na face”, comentou. Ester chorou quando viu Viviane, Edir esmurrou a cama. “Agora eu estou sentindo na pele, na carne, estou sentindo nos nervos o que o povo lá fora sente. A dor de ver uma criança, uma filha”, disse.⁴³ Edir passaria a ajudar as pessoas sofridas como ele. Obstinado, partiria em busca de uma prática religiosa mais incisiva e arrebatadora, capaz de expressar a revolta que afirmava sentir naquele momento.⁴⁴ Procurou a direção da Nova Vida e desabafou: “Não aceito ficar mais apenas como um espectador, apenas como um assistente”.⁴⁵

Ao lado de R. R., Roberto Lopes e os irmãos Coutinho, ele então fundou a Cruzada do Caminho Eterno, um movimento religioso que não chegava a se estruturar como igreja. Antes de iniciarem as novas atividades, Samuel Coutinho e R. R. foram consagrados pastores na Casa da Bênção, liderada pelo missionário Cecílio

Carvalho Fernandes.⁴⁶ Edir também buscava o mesmo título na nova denominação, mas Fernandes não o considerava preparado para a liderança.⁴⁷ A consagração, negada dentro da Nova Vida, seria importante para seus próximos passos. Mas ele teve paciência. Durante dois anos, a Cruzada do Caminho Eterno investiu na evangelização em praças e ruas, e nos cultos em salas de cinemas alugadas.⁴⁸ O grupo seguia o exemplo de McAlister. E mesmo sem ter se tornado pastor, Edir continuava atuando como pregador. Um de seus locais preferidos para a catequese era o coreto do Jardim do Méier, na Zona Norte. Com um teclado, um microfone e uma precária caixa de som, orava para plateias minúsculas.⁴⁹ E assim foi arregimentando seguidores.

Com o tempo, começaram a surgir problemas entre os líderes da Cruzada. Samuel Coutinho humilhou Edir numa reunião com outros pastores e familiares. Disse que ele não tinha o “chamado” de Deus para fazer a sua obra. Fez chacota. Afirmou que as pregações no Cine Méier só atraíam idosas.⁵⁰

Naquele momento, Coutinho era o presidente do movimento; R. R., o vice-presidente; Edir, o tesoureiro, mas sem poder para controlar os recursos do grupo, atribuição do presidente. Apesar da descrença de Coutinho em seu trabalho, Edir seguiu no movimento como evangelista, auxiliando o cunhado nos cultos.⁵¹ Em meados de 1977, viria a nova cisão: R. R., Macedo e Lopes romperam com os irmãos Coutinho. Edir ainda nem era pastor, mas conseguiu um espaço para inaugurar o primeiro templo: o galpão de uma funerária desativada na antiga avenida Suburbana, no bairro da Abolição, na Zona Norte. Quem achou o local foi um vizinho, Albino Silva, que morava próximo ao salão e que já havia tempo acompanhava, ao lado da mulher, Maria Veronese, as pregações de Edir no bairro.

O templo foi registrado com outro nome, Igreja da Bênção. Edir justificou: receava que uma eventual briga com os Coutinho pudesse

colocar em risco o prédio da funerária. Nascia ali a Igreja Universal do Reino de Deus, nome que só assumiria oficialmente três anos depois.⁵² Como previsto, Samuel Coutinho tentou tomar o templo para a Cruzada do Caminho Eterno. Foi até a funerária cobrar Edir, mas acabou expulso do local.⁵³ Na ocasião, R. R., que se tornara o líder da nova igreja, não estava na sede, pois pregava em São Paulo. Edir continuava apenas como tesoureiro, mas procurava se impor. Para alugar o imóvel, era necessário um fiador e ele pediu ajuda à mãe. Dona Geninha ofereceu o único apartamento da família, no bairro de Fátima, no Rio, como garantia. O cunhado não gostou da ideia. Na hora de assinar o contrato, tentou demover dona Geninha, alegando que ela poderia perder a casa. Mas a mãe foi irredutível.⁵⁴ O episódio gerou um estremecimento entre os dois, o primeiro de muitos. Havia, ali, uma disputa para a tomada de decisões. Há quem acredite que R. R. não queria ver Edir fortalecido, levando os méritos pela conquista do espaço. Outros entendem que R. R. não queria envolver a sogra no negócio, pois tinha “os pés no chão”, ao contrário de Edir, empreendedor e ousado.⁵⁵ Edir ainda cobrava de R. R. uma presença mais constante na igreja, pois o cunhado também se dedicava a pregações em outros locais.

O templo começou a funcionar logo, mesmo com as eternas divergências de seus líderes — agora R. R. e Edir. O primeiro culto aconteceu no dia 9 de julho de 1977, uma manhã de sábado calorenta e agitada na avenida Suburbana. Edir vestiu seu melhor terno. Os bancos de madeira comprados em longas prestações foram espalhados pelo salão para receber os fiéis, arrebanhados em ruas e praças vizinhas, com panfletos e convites para a inauguração.⁵⁶

A eleição da diretoria da igreja e a aprovação de seu estatuto ocorreram numa reunião no dia 1º de novembro de 1977.⁵⁷ Além de R. R. na presidência e Edir como tesoureiro, a direção era integrada

por outros dois fiéis, o vice-presidente Sebastião de Paula e o secretário Carlos de Souza Oliveira. Assinaram a primeira ata outras nove pessoas, entre elas, a mulher de Edir, Ester, e a irmã dele, Magdalena, casada com R. R. Entre os signatários também estavam Albino Silva, Maria Veronese da Silva e a filha do casal, Alba Maria da Costa — responsáveis pelas primeiras grandes doações. O estatuto foi registrado apenas em julho de 1980.⁵⁸ Dizia, em seu primeiro artigo, que “um grupo de irmãos, vindos de várias organizações evangélicas, reconhece que foram chamados por Deus, através do Espírito Santo, para continuarem a obra [de evangelização] iniciada por nosso senhor Jesus Cristo, continuada pelos apóstolos primitivos e pelos milhares de santos irmãos”. E prosseguia: “Através dos séculos, com suas vidas, testemunharam acerca da verdade, que é Jesus Cristo, a única solução para a humanidade”, e assim “resolveram, em comum acordo, fundar uma corporação e denominá-la Igreja Universal do Reino de Deus”.

A Igreja Universal do Reino de Deus tinha a única finalidade de “anunciar o evangelho de nosso senhor Jesus Cristo, o que fará usando todos os meios possíveis e em todos os lugares”, prometiam os fundadores. A doutrina da igreja é a mesma escrita na Bíblia, esclarecia o documento. A nova denominação aceitava unicamente “os registros da Bíblia Sagrada” e desprezava “quaisquer outros, ainda que pareçam lógicos, certos e inspirados”. Quatro pontos “fundamentais” eram destacados: a salvação pessoal pelo sangue de Cristo, o batismo nas águas por imersão e no Espírito Santo, a cura divina e a segunda vinda de Cristo, para presidir o Juízo Final. O mandato do presidente, também “líder espiritual”, seria de cinco anos, e a eleição para a direção se realizaria entre os obreiros ministeriais.

No estatuto, os fundadores já adotavam medidas preventivas diante do risco de eventuais divisões. Todos os bens da Universal

*image
not
available*

O galpão, localizado na rua Azusa, servia como depósito de material de construção antes de ser alugado para as pregações. Era um reduto de negros, mas não exclusivamente: atraía brancos, hispânicos, asiáticos e europeus. O líder do grupo era William Joseph Seymour, filho de antigos escravos que dizia ter tomado contato com os cultos sob a influência direta do Espírito Santo ao conhecer o pastor metodista Charles Fox Parham. Nascido em Louisiana, Seymour, com pouca instrução formal e cego do olho esquerdo em consequência de uma varíola adquirida na adolescência, chegou a Los Angeles em 1905, a convite da Igreja Batista local. O grupo que o seguia acabou expulso devido a suas práticas litúrgicas pouco ortodoxas e, no ano seguinte, fundou o templo da rua Azusa. Os cultos chegavam a durar o dia inteiro. Homens e mulheres gritavam, dançavam, entravam em transe. Movidos pela curiosidade, pastores influentes iam conhecer o fenômeno e, fígados, aderiam ao movimento.⁶⁸ A experiência de Seymour durou apenas três anos, mas o pentecostalismo se espalhou pelo mundo.

Os evangélicos se dividem entre os chamados protestantes tradicionais ou históricos — que são os seguidores das igrejas derivadas da Reforma, como a luterana, a presbiteriana, a anglicana, a batista e a metodista — e os pentecostais, que acentuam suas pregações e atividades nos dons do Espírito Santo. Evangélico é, pois, o guarda-chuva que abriga denominações de origens diversas. Os pentecostais também se consideram herdeiros da Reforma, mas não se identificam necessariamente como protestantes.⁶⁹

As igrejas pentecostais pioneiras no Brasil são a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. O presbiteriano Luigi Francescon foi um dos primeiros a propagar os poderes milagrosos do Espírito Santo entre nós. Italiano radicado nos Estados Unidos, ele trouxe a novidade à América Latina ao fundar, em janeiro de

1910, a primeira igreja pentecostal na Argentina, a Assembleia Cristã. Três meses depois inaugurou as duas primeiras unidades da Congregação Cristã no Brasil, uma no bairro do Brás, em São Paulo, e outra em Santo Antônio da Platina, no interior do Paraná. No início, a congregação atraía sobretudo imigrantes italianos.⁷⁰ Era um terreno fértil, a ser explorado por missionários empolgados com a arrebatadora e eletrizante descoberta do movimento pentecostal.

No final de 1910, chegaram ao Brasil os missionários batistas Gunnar Vingren e Daniel Berg, ambos suecos. No ano seguinte, eles fundariam a Assembleia de Deus no Brasil, então chamada Missão de Fé Apostólica. Vingren e Berg, que haviam se conhecido numa conferência em Chicago, contavam ter escolhido o Brasil depois de um chamamento divino.⁷¹ Num templo em South Bend, no estado de Indiana, Vingren ouviu de um irmão da igreja uma profecia sobre a missão evangelizadora que lhe seria atribuída num país longínquo e desconhecido. Ao visitá-lo, Berg disse ter recebido o mesmo desígnio, por inspiração do Espírito Santo.⁷² O anúncio divino era pródigo em detalhes: os missionários deveriam embarcar em Nova York no dia 5 de novembro de 1910, no navio *Clement*, rumo a Belém do Pará, no norte do Brasil, lugar de que nunca tinham ouvido falar. Passados catorze dias, Vingren, um loiro alto de 31 anos, olhos azuis e bigodes pontudos, e Berg, quase cinco anos mais jovem, cabelos e bigodes escuros, desembarcavam no cais da capital paraense sem conhecer uma palavra em português e com um total de noventa dólares nos bolsos.⁷³ Ninguém os esperava. Encontraram um colega sueco, o pastor batista Erik Nilsson, que os acomodou no porão de sua igreja. Acabaram expulsos por iniciarem fiéis batistas nas práticas do pentecostalismo. Já tendo conquistado seguidores, criaram a Missão de Fé Apostólica.

O movimento pentecostal viveu três fases distintas no Brasil. Ou ondas, como apontou o sociólogo Paul Freston, inglês naturalizado

brasileiro.⁷⁴ A primeira foi marcada pelo surgimento da Congregação Cristã, de Francescon, e da Assembleia de Deus, de Vingren e Berg. Combatidas por católicos e protestantes tradicionais, as duas denominações, representantes do chamado pentecostalismo clássico,⁷⁵ no início atraíam sobretudo pessoas pobres e de pouca escolaridade.

Na segunda onda, entre os anos 1950 e 1960, o movimento começou a se fragmentar, com o aparecimento de um pentecostalismo com maior ênfase na cura divina, no rádio como propagador das mensagens e nas pregações em cinemas, teatros, ginásios de esporte e estádios de futebol. As denominações mais marcantes desse período são a Igreja do Evangelho Quadrangular, da canadense Aimée Semple McPherson; O Brasil para Cristo, criada por Manuel de Melo, e a Deus é Amor, fundada por Davi Miranda.⁷⁶ Melo e Miranda foram os primeiros a promover suas imagens pessoais.

Na terceira onda, no final dos anos 1970, emergem os neopentecostais, uma subcorrente influenciada por pregadores norte-americanos. O movimento se serve dos meios de comunicação de massa para a evangelização, sobretudo dos setores menos favorecidos da população, e prega a cura divina, o exorcismo e a prosperidade financeira.⁷⁷ No Brasil, essa corrente é representada pela Universal do Reino de Deus; pela Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares; pela Renascer em Cristo, do missionário Estevam Hernandes; e pela Sara Nossa Terra, do bispo e ex-deputado Robson Rodovalho. Os neopentecostais são menos conservadores quanto a roupas e cortes de cabelo e aos costumes em geral.

Robert McAlister, convertido ao neopentecostalismo ainda na América do Norte,⁷⁸ foi um dos precursores dessa tendência no Brasil. Tanto os representantes dos movimentos de cura divina como

os neopentecostais receberam a influência de pregadores norte-americanos que usavam veículos de comunicação em massa, como Oral Roberts, pioneiro do uso do rádio em 1947; Pat Robertson, fundador da rede de televisão cristã Christian Broadcasting Network (CBN); e outros televangelistas como Jim Bakker e Jimmy Swaggart.⁷⁹

No Brasil, grupos neopentecostais como a Universal marcaram sua atuação nos primeiros anos de atividade pela forte rejeição ao ecumenismo e pelo combate aos cultos afro. Várias igrejas desse segmento seguem a teologia da prosperidade. Segundo essa doutrina, discursos positivos e doações a Deus aumentam a riqueza material. Ela reforça a importância do sucesso na saúde, nas finanças e no amor.⁸⁰ Propõe que o crente seja próspero, saudável e feliz. Assegura que a melhoria das condições materiais virá por meio da fé, da oração, de rituais de libertação e do pagamento de dízimos e ofertas.⁸¹ O verdadeiro cristão não pode ser um sujeito pobre, infeliz e sofredor, pois Jesus veio à terra não para fazê-lo sofrer, mas para enriquecê-lo, trazendo prosperidade e abundância.⁸² E uma estratégia para a pessoa conseguir o sucesso é a doação: se doar tudo o que puder, será recompensada, receberá em dobro. A crença básica é a de que quanto mais generoso e desprendido for o fiel, maior será a reciprocidade divina.⁸³

Edir Macedo rebate as críticas de seus detratores por pregar a teologia da prosperidade. Para ele, só os estúpidos pensariam em uma teologia da miséria. “Eu pergunto [...]: você gosta de miséria? Você queria viver na miséria? [...] Você teria prazer em ver o seu filho com fome, sendo você uma pessoa de posses? Essa é a pergunta que faço aos pais. Como cremos num Deus tão grande, [...] vamos admitir que haja um consenso, uma combinação dessa grandeza, dessa magnitude com a miséria”, questiona Macedo. “A

*image
not
available*

significativamente: os evangélicos passaram a representar 22,2% da população, e os católicos caíram para 64,6%.⁸⁸ Até 2040, a expectativa é de que os evangélicos assumam a dianteira,⁸⁹ num cenário em que os pentecostais sobressaem. Atualmente somam 25,3 milhões de fiéis (60% dos evangélicos), em contraposição aos 7,6 milhões de protestantes tradicionais.⁹⁰

As maiores denominações evangélicas são a Assembleia de Deus (12,3 milhões); a Igreja Batista (3,7 milhões) e a Congregação Cristã no Brasil (2,2 milhões). A Universal (1,87 milhão), a maior entre as que surgiram na terceira onda, vem na sequência, praticamente empatada com a Evangelho Quadrangular (1,8 milhão). Se não detém a supremacia, é a igreja mais ruidosa e controversa.

A atuação dos neopentecostais provocou, num primeiro momento, choques com católicos, espíritas, adeptos de religiões afro-brasileiras, protestantes históricos e até mesmo pentecostais de linhas mais tradicionais. Além da maior liberalidade no campo moral, outra diferença apresentada era a linguagem simples e direta nas pregações, de fácil assimilação. Se o cidadão sofre, Jesus pode abençoá-lo e curá-lo. É só ir à igreja, enfatizavam as novas lideranças do pentecostalismo.

A Universal encontrou imensas dificuldades em se estabelecer. Os primeiros cultos reuniam pouquíssimos seguidores no templo da Abolição. “Do altar, eu avistava nove, dez fiéis”, disse Macedo. Pregações na hora do almoço chegaram a ser realizadas para apenas quatro abnegados. Ainda assim, ele dizia acreditar que sua obra iria longe.⁹¹ A igreja procurava oferecer um novo leque de opções aos fiéis. À época, eram ainda comuns visitas dos pastores às casas dos fiéis, para ungir as moradias e curar doenças. O então líder da igreja, R. R., e seu escudeiro Edir, que fazia as vezes de motorista, seguiam juntos num velho fusca vermelho.⁹²

*image
not
available*

mas nem chegava a ver a cor do dinheiro. Ia tudo para o filho e o cunhado.⁹⁶

A situação começaria a melhorar nos meses seguintes. A dedicação e o envolvimento dos primeiros fiéis seriam fundamentais para o avanço da igreja. O casal Albino Silva e Maria Veronese passava as madrugadas preparando cola de farinha com água para fixar cartazes da igreja nos postes do bairro.⁹⁷ Wilson Marinho, obreiro de primeira hora, trabalhava na construção e reforma de edifícios a serem transformados em novos templos.⁹⁸ O primeiro empreendimento da Universal — dos muitos que viriam em seguida — surgiria ali no templo da antiga avenida Suburbana: uma cantina, logo na entrada do prédio, do lado esquerdo. Para administrá-la, Macedo lembrou do cunhado Múcio Crivella, já aposentado, que o ajudara em outras ocasiões.⁹⁹ O negócio prosperou, impulsionado pelos fiéis que enfim chegavam.

Os tempos de vacas magras logo ficaram para trás. Em abril de 1978, nove meses depois da inauguração do primeiro templo, a Universal conseguiria quinze minutos diários na programação da Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro. Macedo, segundo homem na hierarquia e encarregado das finanças, contava mais uma vez com a ajuda do casal Albino Silva e Maria Veronese. Ao ser curada de uma labirintite, Maria vendeu um terreno recebido em herança e doou à igreja 9 mil cruzeiros, o equivalente a 2 mil dólares atuais, à época valiosos e suficientes para a compra do horário na emissora. O valor do aluguel mensal do prédio da antiga funerária era coincidentemente o mesmo: a igreja dobrava sua despesa mensal, mas já fixava sua presença na mídia.¹⁰⁰

A propaganda religiosa no rádio impulsionaria a rápida expansão no número de fiéis. No ar e ao vivo, os rituais de cura impressionavam. O templo da Abolição começava a ficar conhecido como “a igreja dos milagres”. A família Macedo passou a morar num

pequeno apartamento ao lado para que o patriarca devotasse mais tempo à instituição.¹⁰¹ Ainda em 1978, na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, a Universal recrutaria sua primeira grande audiência. Depois reuniria 7 mil pessoas no ginásio do Olaria Atlético Clube, pequeno e antigo time de futebol da Zona Norte. Também faria no mesmo período sua incursão pioneira num estádio — foi em Moça Bonita, campo do Bangu Atlético Clube e um dos palcos mais tradicionais do futebol carioca, com capacidade para 9 mil pessoas.¹⁰² Esses números eram ainda bastante modestos em relação ao que viria nos anos seguintes.

3. A ascensão

A Universal crescia e Macedo vivia para a pregação, raramente se ausentava do templo. Certo dia, voltava de Petrópolis para a sede da igreja quando sofreu um acidente. Estava indo gravar um programa no rádio e o carro em que viajava — um Alfa Romeo recém-comprado — capotou várias vezes, pois o motorista não estava acostumado com as marchas. Macedo quebrou um braço e teve luxação no outro, além de ferimentos no corpo. Mas não tirou licença e continuou pregando, mesmo enfaixado.¹

Num domingo à tarde, quando ainda se recuperava do acidente, soube que Ester, ao chegar em casa, fora vítima de um sequestro-relâmpago. Assim que saiu do carro, os ladrões a arrastaram para dentro dele; foi libertada pouco depois, sem ferimentos. Temendo a violência, Macedo passou a andar com um revólver calibre 38 que escondia no púlpito enquanto pregava. Abandonou-o tempos depois, pois imaginara ouvir uma voz que colocava em dúvida sua fé na “proteção divina”.²

No início, ele chamava a atenção por usar cabelo comprido — chegou a ser rotulado de “pastor bossa-nova”.³ Carismático e excelente comunicador, usava em suas pregações termos pouco comuns entre seus pares, como dizer que a vida de alguém “está um cocô”. Expressões desse naipe atraíam mais o ouvinte, ele avaliava. E orientava colegas a empregar a mesma técnica.⁴ Seu discurso

ganhava em espontaneidade, abdicava dos floreios.⁵ O impacto de suas palavras se beneficiava das modulações da fala e da gesticulação. No culto, sua voz pode ser mais grave ou aguda, a depender do momento. Ele grita e sussurra num mesmo discurso, às vezes contrai o corpo e depois anda de um lado para outro no palco.⁶

Macedo e seu então superior, R. R., sempre tiveram como meta ocupar espaços em veículos de comunicação de massa. Fã do pregador neopentecostal norte-americano Thomas Lee Osborn e de outros televangelistas famosos, o cunhado sonhava com um programa de televisão.

Desde a fundação do templo da avenida Suburbana, Macedo dizia aos fiéis, entre eles Albino, o doador-mor da igreja, que um dia teria sua própria rádio e TV e “um grupo de comunicação forte”. Albino não acreditava, e ria.⁷ Macedo ressaltava a importância dos meios de comunicação “para atingir o Brasil e o mundo” e ampliar a pregação do Evangelho.⁸ Essa era a receita para difundir a fé, ganhar as almas e fazer a igreja crescer. Se Jesus estivesse vivo, professaria o evangelho pelo rádio e pela televisão, não precisaria peregrinar de cidade em cidade no deserto. Sua voz chegaria às outras localidades. Carecia usar a fé com inteligência para engrossar o rebanho divino. “Quando tivermos nossos meios de comunicação, vamos ser respeitados”, ele assegurava.⁹ Batendo na mesa, prometia espalhar a Universal ao redor do mundo.

Se tinha o mesmo fascínio do cunhado pela TV, eles divergiam quanto ao entusiasmo pela igreja eletrônica, nos moldes americanos. O pastor Macedo, como passou a ser conhecido, entendia que a pregação à distância afastava os fiéis do templo; contestava as experiências de televangelistas como Rex Humbard, Billy Graham e Jimmy Swaggart, em grande evidência no Brasil nos anos 1980. “O pastor fica no vídeo e as pessoas o assistem em casa, distraíndo-se com a campainha da porta que toca ou com o gato que mia”,

*image
not
available*